



Arquitetura Efêmera dos mercados populares: construções formais para eventos turísticos.

O presente estudo tem como foco de interesse a arquitetura dos Mercados Populares. A prática secular dos mercados nos estimula a entendê-los como espaço das trocas, uma atividade de “mão na mão, olhos nos olhos”¹. Assim, tal empreitada cotidiana, nesses mercados, era marcada por uma certa proximidade íntima e informal entre o vendedor e seus clientes. Locais de vida própria, pulsante, que têm no uso sua constante transformação. No entanto, o termo *mercado* engloba não só o *espaço* destinado às trocas, mas também o *hábito* de comprar e vender as chamadas *mercadorias*. Segundo Gorberg, a palavra “mercado”, no início do século XIX, “era usada de forma genérica, designando uma aglomeração de pessoas com o intuito de comercializar determinados produtos no mesmo local” (GORBERG, 2003, p.1).

Hoje em dia, muitos desses mercados informais vêm sendo apropriados pelo poder público. As Feiras Livres, consideradas em 2000 pelo IPHAN como patrimônio cultural imaterial², são exemplos desses espaços de trocas. Podemos destacar como exemplo dessas feiras: a Feira de Caxias, no Rio de Janeiro; a Feira de São Joaquim, em Salvador; a Feira de Caruaru, em Pernambuco; etc. Alguns desses espaços de comércio informal, além de figurar em novos interesses nos poderes públicos, agora também estão vinculados a um potencial turístico. Canclini cria uma análise que expõe, de forma muito clara, a existência de um sistema que se articula passando por todas as camadas e agentes configurando assim um desses espaços de troca³.

¹ Expressão alemã que definia este tipo comércio, usada por Braudel. (BRAUDEL, 1996, p.15).

² O Decreto nº 3.551, de 4 de Agosto de 2000 “instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências”. No IV livro temos o “Livro de Registros dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças, e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/legislac/decreto3551.htm>. Consultado em 12/11/2003.

³ pensemos em uma festa popular, como podem ser a festa do dia dos mortos do Carnaval em vários países latino-americanos. Nasceram como celebrações comunitárias, mas num ano começaram a chegar os turistas, logo depois fotógrafos de jornais, o rádio, a televisão e mais turistas. Os organizadores locais montaram barracas para venda de bebidas, do artesanato que sempre produziram, *souvenirs* que inventam para aproveitar a visita de tanta gente. Além disso, cobram da mídia para permitir que fotografem e filmem. Onde reside o poder: nos meios massivos, artesanato ou *souvenirs*, nos turistas e espectadores dos meios de comunicação que deixassem de se interessar desmoronariam todo o processo? Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo (grifo meu) e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam (CANCLINI, 2000, p.262).

Desta forma, o Estado, ao encarar este quadro, procura o controle tanto sócio-econômico, quanto estético-arquitetônico. Assim, vários mercados informais vêm passando por processos de requalificação urbana⁴ ou arquitetônica. Dentre os exemplos, podemos destacar a transformação da antiga Feira dos Paraíbas em Centro de Tradições Nordestinas, no Rio de Janeiro; o mercado Ver o Peso, em Belém do Pará; o Camelódromo de Recife; o Mercado Modelo, em Salvador; a concentração de camelôs no bairro carioca da Rocinha, transformada em mercado popular, etc. Destacamos que tais transformações acabaram por gerar estruturas fixas para práticas culturais efêmeras.

Gilberto Velho, ao definir identidade em uma análise das sociedades complexas, aponta uma contradição na tentativa de se fixar características imutáveis aos fatos culturais multicondicionados⁵.

A efemeridade estaria então, exatamente vinculada a essa identidade cultural característica desses locais de trocas. Em minha pesquisa de mestrado sobre o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas⁶ (CLGTN), pude concluir que apesar de muitas mudanças definidas pelo projeto de transformação arquitetônica, locais como o CLGTN continuam guardando o que, talvez, os espaços de antes da transformação tinham de mais interessante: a efemeridade. Com isso, esses espaços de troca, tornam-se únicos a cada fim de semana.

Vejo nesta questão um de nossos maiores desafios como arquitetos ou como sociólogos: trabalhar com elementos vivos, oferecer ao cotidiano criações de cimento, pedra e cal para que a vida possa animá-los. Neste caso, o “espírito do lugar” está na cultura imaterial, na efemeridade do lazer e não nas marcas do terreno ou no paisagismo.

Essas características corroboram ainda mais a idéia de efemeridade e que acabam por criar o evento. Com isso, o vínculo que uma arquitetura formalizadora e reducionista poderia criar, ao se requalificar os mercados populares, elementos contraditórios, já que tenta-se materializar o etéreo, o

⁴ A idéia de requalificação será analisada, então, neste trabalho segundo abordagem de Vaz e Jacques. Essas autoras nos mostram que “Nos anos noventa também se utilizam os termos ‘requalificação urbana’ e ‘regeneração urbana’ para designar estes processos, progressivamente induzidos pela competitividade entre as cidades. Através de projetos estratégicos passou-se a oferecer não somente melhores condições de acessibilidade, comunicação, segurança, e educação, recuperando edifícios e áreas abandonadas [...], mas também a enfatizar os aspectos culturais e simbólicos. As transformações espaciais não se restringem mais a sua dimensão físico-territorial, mas envolvem, considerações de ordem simbólica. O lugar, a sua imagem e a sua identidade se tornaram fundamentais” (2003 p. 131).

⁵ Velho ao falar do fenômeno da *negociação da realidade*, nos mostra que “a cultura, nos termos de Schutz, enquanto comunicação, não exclui as diferenças, mas, pelo contrário, vive delas” (VELHO, 1999, p.22)

⁶ Ver: CARDOSO, 2006.

efêmero, o “espírito do lugar”. Ao verificar essas problemáticas, a idéia de território, na era de globalização, transforma o evento como uma primeira categoria de análise⁷.

Muitas vezes, ao tentar se apropriar de espaços populares, usando a arquitetura como ferramenta desta apropriação, os poderes públicos acabam por perder o controle. Essas mudanças arquitetônicas acabam, sem dúvida, gerando novos espaços. Contudo, nos cabe aqui alertar que este “novo” é contaminado, mas que também contamina a arquitetura.

A diferença entre material e imaterial se coloca como um dos principais impactos destes novos espaços de trocas. A materialização arquitetônica acaba gerando uma especulação imobiliária que começa a valer mais do que a própria atividade efêmera da troca. Contudo, o que se quer manter nos mercados transformados é exatamente o patrimônio imaterial dado pelo evento, pelo uso, pelas vidas que animam esses espaços.

A arquitetura, então, é muito mais que uma forma. Até me arrisco a dizer que a arquitetura dos mercados populares só se completa quando é animada pela vida humana. Mas afinal, não é para isso que é feito um projeto arquitetônico?

Assim, a própria idéia de mediação, deveria ser revista pelos arquitetos. E talvez, necessitassem entender que o *espectador é o co-autor da obra*, pois voltamos a afirmar que a arquitetura reelabora, mas também é reelaborada pelo social. Então, como dissociar estas relações tão fortemente imbricadas?

Problema:

O princípio organizador desta pesquisa, então, baseia-se na constatação de que os projetos de requalificação dos espaços de trocas acabam criando uma grande contradição ao tentarem materializar o imaterial e o efêmero. Desta forma, a questão a ser estudada está na análise da arquitetura desses mercados populares: tanto nos que já foram transformados, passando pelos processos de requalificação, como nos tradicionais espaços de troca ainda entregues a suas características informais. O enfoque desse estudo estaria na análise da forma arquitetônica desses mercados populares. Teríamos, então, a possibilidade de abordagem para temas como:

- A forma entre o funcionalismo e a estetização.
- Quando a adversidade se transforma em estética.

Objetivos

⁷ (O evento) permite unir o mundo ao lugar; a História que se faz e a História já feita; o futuro e o passado que aparece como presente. O presente é fugaz e sua análise se realiza sempre através de dois pólos: o futuro como projeto e o passado como realidade já produzida. O evento aparece como essa grande chave para unir também a noção de espaço e tempo [...] como um todo único. (SANTOS, 1999, p.15)

O objetivo geral deste trabalho consiste, portanto, em relacionar a idéia de forma à idéia de efemeridade na arquitetura dos mercados populares.

Como objetivos específicos temos:

- Observar a prática efêmera dos Mercados Populares
- Verificar as soluções criativas obtidas nos projetos arquitetônicos das Feiras Livres. Definindo-os como arquitetura da adversidade.
- Identificar nos mercados requalificados, como funcionam as estruturas fixas para práticas culturais efêmeras.
- Entender a relação entre turismo e efemeridade.

Hipótese

Minha hipótese, a ser estudada, é de que uma das crises na arquitetura contemporânea está na idéia de efemeridade. A arquitetura ainda aponta dificuldades ao se relacionar com o cotidiano da vida.

Justificativa:

Sabemos que tais processos de intervenção urbana modificam e acabam gerando novas memórias para estes locais, principalmente quando se trata de locais como os mercados populares, ricos em histórias, e que vêm passando, ao longo dos tempos, por várias modificações. É como se estes espaços guardassem camadas de memórias, que vão sendo sobrepostas a cada mudança. Como muitos desses comércios informais ainda não foram modificados, tentaremos fazer uma análise observando tanto os já transformados como estes ainda não modificados. Verificando, com isso, como os espaços de trocas são influenciados pelo fixo e como esta arquitetura é influenciada pelo efêmero.

Metodologia

Para tal análise, contaremos com conceitos dados pelas áreas de arquitetura, urbanismo, geografia, sociologia, antropologia e turismo. O presente estudo utilizará pesquisa empírica qualitativa e, quando necessário, quantitativa. O tema “Arquitetura Efêmera dos Mercados Populares” necessita de análise interpretativa e contextualizada. Para esta abordagem torna-se necessário entender as circunstâncias particulares em que está inserido cada um dos mercados que serão analisados.

Bibliografia

BAHAMÓN, Alejandro. **Arquitetura Efêmera Têxtil**. Lisboa: Dinalivro, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERENSTEIN, Paola **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In CORREA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. pp. 84 – 91. (Coleção Geografia cultural)

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1999.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARDOSO, André L. C. **Arquitetura Encapsulando a Informalidade: da Feira dos Paraíbas ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORREA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. (Coleção Geografia cultural)

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- GHIRARDO, Diane. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins fontes, 2002. (Coleção a)
- GORBERG, Samuel – FRIDMAN, Sergio A. **Mercados no Rio de Janeiro 1834 - 1962**. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2003.
- GÖSSEL, Peter e LEUTHÄUSER, Gabriele. **Arquitetura no século XX**. São Paulo, Taschen, 1996, pp. 16 - 31.
- KOSSOY, Boris. **O Olhar Europeu**. São Paulo: Edusp, 1994.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz (org.) **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 559-658.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002, pp.29-63.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 -1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, 1987.
- RYBCZYNSKI, Witold. **Esperando o fim de semana**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. In CADERNOS DO IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, V. XIII, N. 2, ago./dez. 1999. pp.15 – 26.
- SANTOS, Paulo. **Formação das Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SERRA, Geraldo. **O Espaço Natural e a Forma Urbana**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CORREA, Roberto Lobato. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. pp. 77 – 116.
- URRY, John. **O Olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VAZ, Lílian Fessler. e JACQUES, Paola Berenstein. A cultura na revitalização urbana – espetáculo ou participação?. In ESPAÇOS & DEBATES. **Cidade, Cultura, (IN)Civilidade**. São Paulo, V.23, N. 43-44, jan./dez. 2003. pp.129 – 140.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas, 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.